

RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIAL: QUAL FOI O SEU CAMINHO?

A Responsabilidade Social Empresarial (RSE), como disciplina, seguiu um caminho que reflete as tensões e mudanças sociais. Desde seus primeiros debates na década de 1950, quando foi proposta como uma forma de alinhar as operações empresariais aos interesses sociais, começou sua consolidação. Nos anos 1970, marcados pelas tensões da Guerra Fria, surgiram temores sobre seu uso e a coletivização das decisões econômicas, caso as empresas se envolvessem em questões sociais. Assim, fortaleceu-se um enfoque de gestão que buscava maximizar os benefícios econômicos, priorizando os interesses empresariais, embora já se começasse a falar em responsabilidade econômica, legal e ética.

Isso marcou um ponto de inflexão na disciplina, surgindo em meados dos anos 1980 a teoria dos stakeholders, que propôs que as empresas não devem apenas responder aos interesses dos acionistas, mas também aos de outros grupos de interesse. Esse enfoque tentou deslocar a visão exclusivamente financeira ao incluir múltiplos atores na tomada de decisões empresariais. No entanto, embora tenha representado um avanço em direção a uma perspectiva mais integradora, não conseguiu afastar completamente a empresa do centro, já que as decisões continuavam a ser guiadas por interesses econômicos.

No início dos anos 1990, foi apresentada a Pirâmide da RSE, que visualizava as responsabilidades de forma hierárquica, colocando como base a responsabilidade econômica, refletindo novamente a prioridade dada à viabilidade financeira. Os avanços tecnológicos e a globalização da década deram um novo impulso à RSE. Esse período viu um aumento na importância das estratégias de sustentabilidade como resposta à pressão dos consumidores e das organizações não governamentais. As empresas começaram a adotar práticas de relatório e transparência para monitorar suas ações em questões sociais e ambientais. Esse período também marcou uma mudança importante com a adoção de marcos internacionais, como o Pacto Global das Nações Unidas, que promoveu princípios éticos e sustentáveis nas atividades empresariais. Posteriormente, surgiu o conceito de Valor Compartilhado, que buscou conectar os objetivos sociais à vantagem competitiva. Essa proposta tentava integrar os desafios sociais no núcleo estratégico das empresas, argumentando que abordar problemas como a pobreza ou a sustentabilidade poderia gerar oportunidades de negócios. Assim como as contribuições anteriores, esse enfoque foi criticado por manter a empresa como o ator central, avaliando as iniciativas sociais principalmente em função de sua rentabilidade.

Nas décadas recentes, as discussões sobre a autenticidade da RSE ganharam força. O conceito de "desacoplamento", entendido como a lacuna entre o que as empresas declaram em seus compromissos de RSE e as ações concretas que efetivamente realizam, expôs as limitações de muitas iniciativas empresariais. Fala-se do utilitarismo da RSE, quando é empregada mais como uma ferramenta de marketing do que como um compromisso genuíno com o desenvolvimento sustentável, sendo questionada sua aplicabilidade.

Nas últimas décadas, a RSE enfrentou novos desafios e oportunidades. As crescentes demandas por transparência, justiça social e sustentabilidade obrigaram as empresas a repensar suas práticas. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas estabeleceram um marco global para alinhar as atividades empresariais às necessidades de um mundo mais justo e sustentável. Esse contexto gerou um renovado interesse em construir uma RSE que não só equilibre os interesses econômicos e sociais, mas que também priorize o bem-estar coletivo.

A RSE se instalou como um elemento-chave nas estratégias corporativas, sendo vista como uma grande oportunidade, mas as críticas ao seu enfoque utilitário aumentaram, sublinhando a necessidade de uma mudança profunda.

No meio desta década, e em um mundo cada vez mais consciente dos problemas sociais e ambientais, as empresas têm a possibilidade de liderar a mudança para um modelo de desenvolvimento mais justo e sustentável. A construção de uma RSE autêntica e transformadora depende da capacidade das empresas e da sociedade de trabalharem juntas na criação de um futuro mais equitativo, deixando para trás o seu uso utilitário e começando a focar no desenvolvimento humano. Esse chamado à ação não só convida as empresas a repensarem seu papel, mas também à comunidade acadêmica e aos líderes sociais a contribuírem com ideias e ferramentas que permitam alcançar esse objetivo. A RSE pode se tornar mais do que uma estratégia; pode ser um motor para construir uma sociedade onde o desenvolvimento humano e os interesses empresariais encontrem um equilíbrio que ajude a construir uma sociedade melhor.

MARIO MORALES PARRAGUÉ
Universidad de Lleida, España

LUIS ARAYA-CASTILLO
Universidad Adolfo Ibáñez, Chile

FIDEL MOLINA-LUQUE
Universidad de Lleida, España